

AS ESTRELAS NA SALA DE ESTAR

VALÉRIO ANDRADE

Um antigo produtor de Hollywood costumava dizer que ninguém poderia prever com absoluta certeza o destino financeiro de uma fita. Apesar da existência de certas regras, testadas com sucesso através dos anos, era impossível eliminar totalmente o fator surpresa. De qualquer forma, como produtor, sentia-se mais confiante quando o projeto lhe chegava às mãos escudado em um daqueles nomes gloriosos do passado. Assim, qualquer filme, antes de chegar aos "displays" dos cinemas, ficava conhecido pelo noticiário da imprensa. E mais: garantia "a priori" a audiência cativa que cada astro e estrela arrastavam consigo através da máquina do estrelismo.

Tarcísio Meira
e Glória Menezes





A verdade nua e crua é que entre nós o estrelismo cinematográfico nunca foi planejado em base industrial. Sempre frutificou por obra do acaso ou da comunicabilidade extraordinária de um Oscarito, por exemplo. Roberto Carlos é um fenômeno da música popular que, a exemplo de Elvis Presley nos anos 50, chegou são e salvo à tela. Mazzaropi é uma exceção paulista bem sucedida e de alcance nacional.

O fato é que a chave mágica do estrelismo só acidentalmente é usada pelo nosso cinema para abrir o cofre da bilheteria. E, embora haja quem afirme que o estrelismo já morreu, ele continua vivo e atuando dentro de nossas casas. É só ligar a televisão que veremos aquilo que o cinema nacional não foi ca-

A voz substitua a imagem que, em países cinematograficamente desenvolvidos, conquistava o coração do público através de uma coleção de astros e estrelas, símbolos que atendiam ao apelo secreto de cada espectador. Capital mundial do estrelismo, Hollywood, com seu fabuloso e sedutor elenco de homens e mulheres, fornecia na magia da sala escura o passaporte que permitia escapar à triste realidade cotidiana.

A triste verdade é que o grande público não levava a sério o nosso cinema sério.

Enquanto isto, no rádio, a "novela" realizava o milagre de canalizar para si os anseios ocultos na alma feminina, bastando, para tanto, que o radiador possuísse uma voz bonita e envolvente.



Francisco Cuoco e Regina Duarte, em "Selva de Pedra"

paz de conseguir fora da órbita humorística: a mitificação do galã.

Com a telenovela, nossos artistas passaram a reviver o mito hollywoodiano. Tarcísio Meira, Regina Duarte, Francisco Cuoco, Glória Menezes, Cláudio Cavalcânti, Marília Pêra, Cláudio Marzo, Tônia Carrero, Jardel Filho, Paulo Gracindo são filhos ilustres do estrelismo que a televisão vem cultivando em escala industrial, segundo o modelo testado e aprovado pelos estúdios americanos do passado.

Durante anos e anos a radionovela foi a canalizadora das aspirações românticas de uma platéia que não encontrou no cinema brasileiro a alternativa da ilusão. Lançada pela Rádio Nacional em junho de 1941, a "novela" logo alastrou-se por todo o país, incorporando-se aos hábitos de milhões de ouvintes.

O resto ficava por conta da ouvinte que idealizava a imagem física, segundo a sua imaginação. Ao autor do texto, exigia-se o domínio da técnica do folhetim e a visão para alimentar o sentimentalismo almejado pelos corações ingênuos.

Com o advento da televisão, a voz de ouro perdia o seu encanto protegido pelo anonimato. Em relação direta à expansão territorial da televisão, o rádio, como veículo de sugestão romântica, foi perdendo terreno e ficando envelhecido para o papel de conquistador. Mostrava-se impotente para concorrer com um rival que contava com a presença física.

Chegava ao fim o longo reinado consagrado pela ilusão verbal.

Era flagrante que a novela teria de dar certo no formato oferecido pela TV. O grau de exigência intelectual do mer-

cado consumidor permanecia inalterado e continuava faminto de emoções. O progresso observado em relação à era radiofônica dos anos 40 e 50 estava restrito à imagem.

A inovação visual permitiu até a "reprise" de velhos êxitos radiofônicos. A tabela de audiência alcançada diariamente pelo dramalhão "O Direito de Nascer" ilustra com perfeição a falta de exigência popular na época. Enquanto tal fenômeno ocorria no vídeo, a re- apresentação do filme mexicano em cima do êxito da telenovela era ignorada pela multidão.

A realidade e o desencanto cotidiano transformam cada telespectador em um fugitivo alquebrado, que, por uma infinidade de fatores concretos ou subjetivos, busca no refúgio da telinha branca uma válvula de escape psicológica. Ainda em relação ao cinema ou ao teatro, a televisão conta com a vantagem da comodidade pessoal. Ninguém precisa sair de casa, mudar de roupa, enfrentar a batalha do trânsito para assistir a um "show" ou filme. E a TV não cobra ingresso.

A fórmula da telenovela é conhecida desde os tempos dos velhos seriados, que, por sua vez, eram inspirados no processo narrativo que fez a fortuna de Alexandre Dumas e a glória de tantos escritores de folhetins. E também, infelizmente, foi responsável pelos bem sucedidos "arranjos" que a senhora Glória Magadan executou aqui às custas de histórias estrangeiras de domínio público.

Para o bem ou para o mal, a telenovela tornou-se a grande atração das emissoras de televisão. Impulsionada por novos recursos técnicos e a importação de recursos cinematográficos, logrou, em pouco tempo, tomar o lugar da radionovela, conquistar artistas e diretores do cinema.

Títulos como "Irmãos Coragem", "Bandeira 2", "Selva de Pedra", "O Primeiro Amor" ilustram através de índices registrados pelo IBOPE uma extraordinária força de comunicação junto ao grande público. E não é por mera coincidência que não se observam nestas telenovelas vestígios da herança radiofônica ou da imobilidade teatral. Feitas de olho no cinema, adotando soluções cinematográficas, as atuais telenovelas alcançaram uma nova dimensão no campo das diversões usando a matéria-prima do cinema.

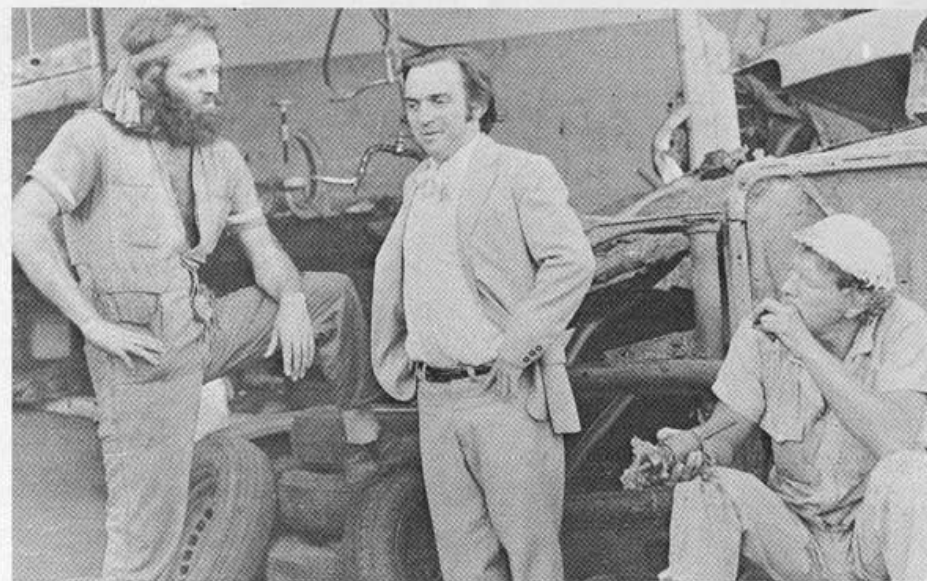
Se a televisão descobriu o segredo do cinema, por que, em contrapartida, o nosso cinema não aplica em seus filmes o segredo da televisão?



Dina Sfat e Carlos Vereza, em "Selva de Pedra"



Flávio Migliaccio e Paulo José: "Shazam e Xerife"



Cláudio Marzo, Antônio Pedro e Jardel Filho, em "O Bofe"